



## ÉTICA DA RESPONSABILIDADE: O QUE RESTA DEPOIS DA SECULARIZAÇÃO DA METAFÍSICA<sup>√</sup>

Douglas Willian FERREIRA\*

### RESUMO<sup>1</sup>

O seguinte artigo analisa, a partir da obra de Luc Ferry **A revolução do Amor** (2012a), os acontecimentos que marcam o processo de secularização da metafísica e, portanto, de superação das respostas religiosas e a consequente afirmação da liberdade do homem como o pressuposto para a concepção e surgimento de uma ética da responsabilidade. Tem-se assim a valorização da consciência que permite ao sujeito olhar para si mesmo e reconhecer-se como o único responsável por suas escolhas e projetos. Mais que isso, a liberdade garante não somente a emancipação do sujeito e a afirmação da responsabilidade que tem para consigo, mas atenta-o para o fato de que também se deve ser responsável pelo outro. Assim, a ética da responsabilidade esbarra na espiritualidade na medida em que exige do homem o encontro com o outro através do respeito, do reconhecimento da diversidade, da solidariedade, das ações altruístas e do amor. Nessa lógica, Luc Ferry chama a atenção para o fato de que a secularização da ética não resulta na indiferença com o outro. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, interpretativa e dedutiva.

Palavras-chave: Responsabilidade. Espiritualidade. Ética. Consciência.

### 1 INTRODUÇÃO

Para Luc Ferry o processo de emancipação do pensamento que caracteriza a filosofia contemporânea só pode ser compreendido quando se tem diante dos olhos o processo da secularização iniciado pelo Iluminismo. No entanto, o autor aponta a necessidade de se desprender de toda a tradição metafísica, afirmando assim a superação das respostas religiosas a partir de uma reflexão filosófica crítica que evidencie a responsabilidade do homem na constituição de si mesmo. Desse modo,

<sup>√</sup> Artigo recebido em 30 de agosto de 2016 e aprovado em 30 de novembro de 2016.

\* Mestre em Ciência da Religião, na área de concentração: Filosofia da Religião, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: <douglasinvictus@hotmail.com>.

<sup>1</sup> Texto referente a tópicos do primeiro capítulo da dissertação de mestrado intitulada: **Ágape e liberdade**: os fundamentos da espiritualidade laica de Luc Ferry defendida e aprovada no dia 03/03/2016, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

a filosofia ao invés de romper totalmente com o religioso, permanece a ele ligado quando busca respostas acerca do sentido da vida do homem, de seus limites e de sua liberdade. Assim, é necessário superar a metafísica e não a reafirmar através de uma exacerbada valorização da razão e do homem.

No lugar da razão, o amor se torna a peça fundamental para a compreensão e o estabelecimento das relações. Com isso, mesmo quando a sociedade se torna laica, a espiritualidade se torna visível na conscientização que o homem tem de sua responsabilidade consigo mesmo, com o outro e com a sociedade, porque a espiritualidade é reflexão.

## 2 DA METAFÍSICA TRADICIONAL À METAFÍSICA SECULARIZADA: UMA TENTATIVA DE SUPERAR AS RESPOSTAS RELIGIOSAS

Paralelamente à laicização da ética, Ferry afirma a secularização da metafísica como o acontecimento que permite à Filosofia pós-moderna uma liberdade em relação à heteronomia religiosa que sufocava a criatividade do homem. Secularizar a metafísica é aguçar, como sugere esse artigo, a capacidade crítica do espírito humano e, com isso, excluir todo o suposto Absoluto que fundamentava o pensamento até então. A partir do criticismo kantiano, Ferry propõe um rompimento com as ilusões e dogmatismos do conhecimento que fogem da pura realidade experimental, que permitia à metafísica tradicional falar até mesmo de Deus<sup>2</sup>, indo em direção ao apriorismo transcendental. Assim, a metafísica secularizada não se deterá em dar provas ontológicas da existência de Deus, nem mesmo especular sobre sua existência. Cabendo a ela, inclusive, mostrar que a metafísica transcendental nada mais fez que tentar pensar Deus a partir unicamente da razão.

---

<sup>2</sup> “Do ponto de vista dos cartesianos, que domina de modo bastante amplo a filosofia do século XVII, as limitações que afetam o conhecimento humano são pensadas em relação a uma referência absoluta: a ideia de uma onisciência da qual se supõe que a divindade seria a depositária. É em relação a essa suposta onisciência de Deus que o saber humano é limitado. A finitude humana é pensada dessa forma, tendo o Absoluto como pano de fundo, e a existência de Deus, sua infinitude e sua onisciência não deixam, por assim dizer, nenhuma dúvida. Em Descartes, bem como em Leibniz e Spinoza, elas são demonstradas com um argumento famoso, que há vários séculos constitui o fundamento de uma das provas mais célebres da existência de Deus: o argumento ontológico[...]. Kant será o primeiro filósofo moderno a apresentar uma desconstrução radical dessa famosa ‘prova’ – desconstrução essa que consistirá especialmente em mostrar que, mesmo que tivéssemos necessariamente a *ideia* de que Deus existe, esta não deixaria de ser uma ideia e ainda não provaria nada quanto à sua existência real” (FERRY, 2010, p. 22-23).

Ou seja, através de conceitos meramente ilustrativos que não dizem, nem se aproximam da realidade daquilo que se investiga, o que acaba por exigir da razão, em último caso, a crença. É por isso que a metafísica tradicional trabalhava com postulados que pressupunham verdades definitivas e não hipotéticas, sendo esta última valorizada pela metafísica secularizada (FERRY, 2010, p. 23).

Somado às contribuições de Kant, Luc Ferry tem em Nietzsche e Heidegger os principais expoentes desse processo de secularização. Agora, a disposição investigativa da metafísica tradicional pautada na relação do homem com Deus; as questões relacionadas à finitude humana e à eternidade; o que é relativo ou absoluto, mortal ou imortal, passa a ser visto sob um novo prisma (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 519). Trata-se de repensar questões que, muitas vezes, afligem o espírito humano.

Quando as respostas religiosas e teológicas não satisfazem mais à inquietude do homem moderno, diz Ferry, a Filosofia se torna responsável por buscar respostas plausíveis para tais questões (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p.516). O espírito crítico conquistado pelos modernos não encontra limites e perpassará todos os âmbitos do pensamento e do *nomos*<sup>3</sup> humano. Não se trata de excluir por completo a metafísica, pois, como pode ser visto, tal feito seria impossível. Mesmo que para Ferry a Teologia deixe de dar respostas críveis, não se pode associar o fim das respostas teológicas ao fim da metafísica; do contrário, ela exigirá dos modernos uma nova maneira de buscar respostas para questões tão pertinentes que deixam desinquieto todo homem que pensa acerca de seus limites e do sentido de viver. Acontece, assim, uma secularização que, no fundo, é uma racionalização das respostas até então dadas através da Revelação (FERRY; GAUCHET, 2008c, p. 26).

Nesse sentido, a metafísica se revestirá de um caráter antropológico. O homem deve se esforçar para encontrar respostas às indagações acerca de sua própria vida sem querer respondê-las através de Deus. Consequentemente, ele aperfeiçoa sua racionalidade, utilizando-se do raciocínio claro e lógico, bem como da formulação de hipóteses, características peculiares dessa nova metafísica. Esse processo é percebido, acima de tudo, no sistema filosófico de Hegel, principalmente

---

<sup>3</sup> O termo aqui é empregado no seu sentido comum, a saber, como as leis criadas pelo homem para viver bem em sociedade.

quando o filósofo aponta a trajetória da secularização através da hierarquização de três modalidades de expressão do divino, a saber, a Arte, a Religião e a Filosofia, no qual a Filosofia é caracterizada como o ápice da expressão do Espírito Absoluto, e com ela a razão se torna o acesso a esse mesmo espírito (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 515).

### 3 A SECULARIZAÇÃO E A CONTRADITÓRIA PERMANÊNCIA DO RELIGIOSO

Nessa trajetória de secularização da metafísica, por mais que se tente aniquilar com a possibilidade da religião, o que se tem é a permanência do religioso, particularmente percebida na proposta humanista de Ferry. Ao contrário de todas as teorias humanistas ateias da modernidade, o religioso, segundo o autor, permanece como pano de fundo nas questões levantadas pelos pensadores modernos. Descartes, Kant e o próprio Hegel são expressões dessa permanência do religioso na modernidade (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 511). Dessa forma, evidencia-se o fato de Ferry defender a continuidade do elemento religioso na pós-modernidade. Evidentemente o autor interpreta esse momento de mudança visando sua defesa do surgimento de uma espiritualidade laica tendo a modernidade como premissa de sua tese de que é possível a espiritualidade aos agnósticos e ateus. Essa espiritualidade pensa o homem em sua interioridade, sua subjetividade, sua pessoalidade, e quando compreende essa intimidade, se aproxima da natureza do divino, que é Espírito, e, portanto, razão (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 548). Essa aproximação da subjetividade, segundo Ferry, faz entender que o espírito se exprime perfeitamente no pensamento puro, o que possibilita ao filósofo abrir mão dos pressupostos da fé. Percebe-se assim a relação estabelecida entre o espiritual e a secularização e a conseqüente valorização da humanidade do homem. Nessa lógica, outro autor pós-moderno, como Robert Solomon, parece ir de encontro à proposta de Ferry ao afirmar:

[...] se espiritualidade significa alguma coisa, significa reflexão. [...] mas reflexões sobre o significado da vida e os sentimentos profundos que essas reflexões engendram. [...] A espiritualidade, como a filosofia, envolve aquelas indagações que não têm respostas definitivas, por mais desesperadamente que nossas várias doutrinas e dogmas tentem fornecê-las (SOLOMON, 2003, p. 31).

Pautado na razão, o espiritual encontrará sua representação apoteótica na capacidade linguística do homem. A linguagem será o melhor argumento em favor do espiritual como componente do humano. Distintivo do *Homo Sapiens*, a linguagem permite, inclusive, uma exacerbada exaltação do humano, incutindo no homem o sentimento de superioridade, muitas vezes caracterizado como arrogância<sup>4</sup>. Nessa lógica, os modernos – e em grande parte de sua filosofia também o faz Ferry – erram ao querer arrancar o homem de sua animalidade, colocando-o numa situação de superioridade e transcendência, como se os desejos e o corpo pudessem ser esquecidos<sup>5</sup>. Assim, Jean-Didier Vincent critica essa exaltação do humano, afirmando ser necessário aos filósofos “[...] refletir e velar para que o homem seja humano e não inumano” (FERRY; VINCENT, 2011, p. 112), conhecedor de sua animalidade e não alienado em uma concepção sobrenatural de si mesmo. Nesse sentido, o absoluto se desloca da objetividade para a subjetividade, e essa é sem dúvida a principal consequência da secularização da metafísica.

Essa relação entre o divino e a mente humana, segundo Ferry, traduz a ideia de espírito desenvolvida pelo Iluminismo, uma espiritualidade que é associada à capacidade racional e reflexiva do homem. Percebe-se assim uma denotação secular desse termo até então íntimo da religião.

O que importa é que a metafísica, em seu momento racionalista mais elevado, pretende realizar pelo pensamento, no “elemento do conceito”, como diz Hegel, o que a religião nos propunha apenas pela fé: reconciliar enfim o homem com Deus, reuni-los numa mesma comunidade espiritual e chegar assim à união do finito e do infinito, do relativo e do absoluto (FERRY; COMTE-SPONVILLE 1999, p. 518).

Essa tentativa de reconciliação, garante ao homem, segundo o autor, sua identificação com o infinito, com o absoluto, ou mesmo, com Deus. Essa falsa identidade soará harmoniosa para aqueles filósofos modernos, humanistas e

<sup>4</sup> Na obra *O que é o ser humano?* Jean-Didier Vincent, partindo de sua visão biológica, afirma que nos animais a linguagem se caracteriza por ser meramente imperativa, desprovida de sentido. Por outro lado, a linguagem humana é declarativa e, por isso mesmo, abre o homem à vida social. “Na linguagem manifesta-se claramente a extrema sociabilidade do homem” porque “a linguagem permite uma partilha da subjetividade” (FERRY; VINCENT, 2011, p. 135). Esse ‘ser de relação’ é, segundo Ferry, um sinal daquilo que há de espiritual no homem.

<sup>5</sup> Luc Ferry o faz na medida em que a ideia de liberdade por ele defendida não foge aos pressupostos metafísicos, pois a liberdade no autor ganha características do absoluto. Também, na medida em que valoriza demasiadamente o racionalismo em detrimento do materialismo.

racionalistas, que tentam colocar o homem como centralidade de todo agir e pensar. Vale ressaltar que essa falsa impressão da divinização do homem<sup>6</sup> é resultado do reconhecimento de suas capacidades racionais e de todas as transformações que essa mesma razão permitiu. Longe de ser perfeito e infinito, o homem permanece imperfeito e limitado, nunca idêntico a si mesmo, como o é o Deus cristão, mas fadado às mudanças e transformações pessoais. Nessa secularização da metafísica vê-se “consumar pela razão o que a religião nos prometia apenas pela fé. E é o essencial a meus olhos, aquilo de que se deve partir para pensar, ainda hoje, nossa situação presente[...]” (FERRY; COMTE-SPONVILLE, 1999, p. 518), e que permite a Ferry sistematizar um humanismo também antropocêntrico que se pauta não mais nos ideais absolutos do iluminismo, mas no amor e na alteridade.

#### **4 NA CONTEMPORANEIDADE A SECULARIZAÇÃO É EMPREENDIDA PELA DESCONSTRUÇÃO<sup>7</sup>**

A secularização da metafísica não se limita a ser uma racionalização da ética ou uma prática racional da espiritualidade. Esse processo encontra, todavia, seu expoente no processo de desconstrução que é caracteristicamente um procedimento singular, tendo em vista tratar-se, de acordo com o autor, de um segundo momento histórico dessa secularização da metafísica. Como se vê, a desconstrução dá continuidade à secularização iniciada na modernidade, inclusive levando-a às últimas consequências (FERRY, 2008a, p. 45 e 46).

Mesmo com tantas mudanças promovidas pela modernidade, vê-se a permanência de alguns aspectos religiosos<sup>8</sup>. Apesar da novidade Iluminista e de seu

---

<sup>6</sup> O termo é do próprio Luc Ferry. O homem-Deus é a expressão da sacralidade própria de cada indivíduo perante a humanidade. De maneira geral, a capacidade de pensar e acima de tudo a capacidade de amar, faz do homem um ser, dentre todos os demais, divino. Somente a divindade possui amor tão gratuito, e não havendo divindade, mas tão somente o homem, e sendo este capaz de tal amor, podemos dizer que o homem é um ser divino. É evidente que o uso desse conceito resulta em grandes problemas; um deles, tão combatido por Ferry, é o fato de o homem estar tão cheio de si e acabar dominando os outros por acreditar-se divino. No entanto, essa interpretação é redutora demais daquilo que Ferry quer propor em seu conceito.

<sup>7</sup> A desconstrução será, para Ferry, o momento histórico de rupturas acontecidas no século XX e que marcam a modernidade com inovações no âmbito moral e intelectual. Desconstroem-se os valores e as autoridades tradicionais findando com as ilusões difundidas pelos mesmos. Veremos mais adiante a interpretação de Ferry sobre esse momento da história do pensamento, bem como os principais responsáveis por esse processo.

resultante Humanismo, bem como da centralidade do homem e da razão no processo de conhecimento, a divindade, o absoluto, a eternidade e a transcendência continuam a assombrar a Filosofia moderna, que não deixa de problematizar tais questões, o que pode ser notado, por exemplo, em Descartes. Diferentemente da modernidade, o pensamento pós-moderno se caracteriza pelo forte desejo de romper com os absolutos que perpassaram a história da filosofia, – e aqui se vê uma forte influência do pensamento heideggeriano –, desde a antiguidade platônica até a modernidade de Marx e Freud<sup>9</sup>. Nesse aspecto, a desconstrução tem o relevante papel de declarar a morte de Deus, afim de que a Filosofia possa percorrer um caminho inteira e unicamente racional, humano, imanente e terreno (FERRY, 2004, p. 38-40).

Para Ferry, os principais responsáveis por esse fim da metafísica tradicional são Nietzsche e Heidegger. Ao interpretar esse momento da história do pensamento, Ferry quer findar com todos os resquícios de transcendência mantidos pelo primeiro humanismo<sup>10</sup>, pois ao valorizar a laicidade e a razão, os modernos conferiram à Pátria, à República e também à Revolução as mesmas atribuições dadas a Deus pelos crentes (FERRY, 2008b, p. 69). Nessa lógica, para o autor, a secularização mantém os princípios políticos enraizados nas concepções divinas e transcendentais. Basta ler Kant e Rousseau para perceber tal fato. No entanto, é necessário dar um passo à frente, romper com uma tradição que tende a significar a vida humana por fatores externos, por imposição de ideais extrínsecos à própria consciência humana.

Não é suficiente colocar o homem como o centro do conhecimento, se a ele não for conferida a essencial liberdade que lhe permite tomar decisões e fugir aos determinismos. Na análise feita por Ferry reconhece-se que o Humanismo iluminista, mesmo defendendo a liberdade como responsável pela humanização do homem, subordina essa mesma liberdade aos ideais políticos lançando o homem na ilusão de que o que realmente é vantajoso ao cidadão é perder sua vida pela pátria, ou

---

<sup>8</sup> Como por exemplo a constante preocupação com a espiritualidade, e na filosofia de Ferry o que ainda mais forte, a preocupação com o Sagrado, com a divinização da humanidade e a humanização de Deus.

<sup>9</sup> Para Luc Ferry o pensamento moderno de Marx, com sua defesa do comunismo, e de Freud com a extrema valorização do inconsciente, nada mais fizeram que afirmar, de modo não religioso, os fundamentos absolutos da metafísica.

<sup>10</sup> O termo primeiro humanismo se relaciona ao humanismo das luzes. O segundo humanismo seria aquele que surge após a desconstrução, no qual, o amor ganha maior importância do que a razão.

mesmo, na revolução. Nesse aspecto, a liberdade se encontra alienada numa visão religiosa desses mesmos ideais. O Deus cristão fora substituído pela pátria e pela revolução, e os pressupostos da metafísica tradicional ainda assombram, mesmo que despercebidamente, tais homens engajados. Para alcançar a verdadeira liberdade é necessário atravessar a desconstrução da metafísica, no mínimo, aniquilar com o que restou de religioso no pensamento moderno.

A golpes de martelo, como propõe a filosofia de Nietzsche, é possível reestruturar a dinâmica da relação entre o homem e si mesmo, entre o homem e suas motivações, entre o homem e o mundo (FERRY, 2004, p. 67). Posto isso, com o mesmo Nietzsche – e aqui destaca-se a visão dionisíaca da vida que Nietzsche possui<sup>11</sup> –, Ferry vê a necessidade de afirmar que a vida “é plenamente boa sob duas condições: que seja intensa e livre, ou seja, sem ilusões. Intensividade e emancipação são os dois traços essenciais que, doravante, vão pretender definir a vida boa para os mortais” (FERRY, 2013, p.40), em que o sujeito se vê como o único responsável pela construção de si e pelo rompimento com toda e qualquer utopia que o prende às ilusões metafísicas. Não é possível viver intensamente, afirma o autor, quando o homem se sente julgado por uma transcendência que faz esquecer o presente visando, unicamente, a uma recompensa futura na qual se tem uma vida mais perfeita e mais verdadeira do que essa (FERRY, 2013, p. 40). Limitar-se buscando a salvação? Não é o fato. Sacrificar os desejos e potencialidades e castrar-se da felicidade terrena em vista de uma opção maior? É ilusão. Se há

---

<sup>11</sup> Afirma Nietzsche em **Crepúsculo dos ídolos**: “somente nos mistérios dionisíacos, na psicologia do estado dionisíaco, expressa-se o fato fundamental do instinto helênico — sua “vontade de vida”. Que garantia o heleno para si com esses mistérios? A vida eterna, o eterno retorno da vida; o futuro, prometido e consagrado no passado; o triunfante. Sim à vida, acima da morte e da mudança; a verdadeira vida, como continuação geral mediante a procriação, mediante os mistérios da sexualidade. Para os gregos, então, o símbolo sexual era o símbolo venerável em si, o autêntico sentido profundo no interior da antiga religiosidade. Todo pormenor no ato da procriação, da gravidez, do nascimento despertava os mais elevados e solenes sentimentos. Na doutrina dos mistérios a dor é santificada: as “dores da mulher no parto” santificam a dor em geral — todo vir-a-ser e crescer, tudo o que garante o futuro implica a dor... Para que haja o eterno prazer da criação, para que a vontade de vida afirme eternamente a si própria, tem de haver também eternamente a “dor da mulher que pare”... A palavra “Dionísio” significa tudo isso: não conheço simbolismo mais elevado que esse simbolismo grego, o das dionisíacas. O mais profundo instinto da vida, aquele voltado para o futuro da vida, a eternidade da vida, é nele sentido religiosamente — e o caminho mesmo para a vida, a procriação, como o caminho sagrado... Só o cristianismo, com seu fundamental ressentimento contra a vida, fez da sexualidade algo impuro: jogou imundície no começo, no pressuposto de nossa vida...” (NIETZSCHE, 2006, p. 75).



salvação, ela não pode estar em outro mundo, em outra vida, que não essa, porque é a única.

A filosofia de Nietzsche permite ao homem pós-moderno romper com as concepções tradicionais que o impelem a sacrificar-se por uma causa superior, fazendo com que esse mesmo homem valorize sua individualidade<sup>12</sup>. Assim, o importante é a satisfação pessoal, revolucionando e desconstruindo o que fora, até então, dado como verdades Absolutas (FERRY, 2004, p. 87). O niilismo<sup>13</sup> de Nietzsche é interpretado por Ferry como sendo uma vida repleta de significados e de sentidos externos impostos ao indivíduo, de tal modo, que esses sentidos sufocam a capacidade individual do homem de fazer as melhores escolhas para si. Nessa lógica, o excesso de sentido acarreta a falta de sentido (FERRY, 2008a, p. 37). Através de Nietzsche, Ferry demonstra que um sujeito saturado de significados extrínsecos à sua consciência, sobrecarregado de ideologias ilusórias, abarrotado de ideais transcendentais, é na verdade um indivíduo vazio de si, e, conseqüentemente, alienado do verdadeiro sentido de viver.

A filosofia de Nietzsche, que proclama a morte de Deus, também se estende numa crítica radical do niilismo da metafísica, numa desconstrução “às marteladas” dos seus ídolos e dos seus ideais [...]. No entanto, não somente os ídolos são ilusórios, mas sempre conduzem, além disso – e é onde reside a lógica funesta do niilismo –, à negação do real em nome do ideal, à desvalorização da terra em nome de uma idealização do além<sup>14</sup> (FERRY, 2012c, p.76 e 77).

<sup>12</sup> Para Luc Ferry o desenvolvimento histórico é um fator importante para o surgimento da consciência de individualidade. O autor destaca que os acontecimentos da pós-modernidade, dentre eles, a humanização das respostas referentes à busca da vida boa e o progressivo afastamento das transcendências, são fundamentais para o desenvolvimento da individualidade (FERRY, 2010, p. 42).

<sup>13</sup> Esse conceito não deve ser entendido aqui como uma simples falta de sentido ou ausência de finalidade. O termo aqui ganha o sentido dado por Ferry que é o seguinte: “O niilista, segundo Nietzsche, era tudo, exceto um homem sem ideal. Pelo contrário, era alguém repleto de ‘fortes convicções’, de ‘princípios superiores’, altamente ‘morais transcendentais’. O niilista de Nietzsche é fundamentalmente, no sentido amplo e até mesmo leigo, um crente, alguém que tem fé em ideais, quaisquer que sejam: religiosos, metafísicos ou ateus, humanistas ou materialistas” (FERRY, 2008a, p. 36). De outro modo: “o niilismo identifica-se com a atitude religiosa em si, ou seja, com a vontade de inventar a todo custo valores transcendentais, superiores à vida, em nome dos quais, em contrapartida, poderíamos enfim julgá-la, declará-la mais ou menos boa ou ruim, mais ou menos fracassada ou bem-sucedida, mais ou menos digna de salvação” (FERRY, 2004, p. 69).

<sup>14</sup> Sobre isso, afirma o próprio Nietzsche em **Fragmentos Póstumos**: “In summa; fabular sobre um mundo outro do que este não faz sentido algum – a menos que se admita que reina em nós um instinto de degenerescência, de rebaixamento, de suspeita em relação à vida: neste último caso, nós nos vingamos da vida *pela* fantasmagoria de uma ‘vida melhor’” (NIETZSCHE *apud* CAMARGO, 2016, p. 99).

Luc Ferry, como se vê, valoriza a proposta da desconstrução porque a entende como consequência imediata da afirmação da vida, do homem e da razão. Desse modo, o autor sugere que a busca de significação da própria vida seja individual e que os grandes ideais não são mais garantia de uma vida boa (FERRY, 2004, p. 93-94). Assim, o homem só alcança a felicidade quando busca concretizar seus projetos, afirmando sua força racional. Nessa lógica, Ferry compreende que Nietzsche

manejou o martelo não somente contra o cristianismo, mas contra todos os ídolos da nascente laicidade republicana. Direitos humanos, Liberalismo, Democracia, Humanismo, Iluminismo, Civilização, Progresso Científico, Proletariado, Socialismo, Anarquismo: todas essas grandes expressões explodiram sob as suas marretadas. Nada, ou muito pouco, ficou de pé (FERRY, 2008a, p.34).

O fim de todas essas ideologias lança o homem para diante de si mesmo, exigindo dele a consciência de que responsabilmente ele deve fazer a si mesmo, uma vez que o 'mundo verdadeiro' e todos os ideais que o fundamentava não mais existe.

Como Nietzsche, Heidegger foi outro grande pensador que se destacou nesse processo de desconstrução da metafísica. Com sua bem elaborada crítica ao mundo da técnica, o autor lança o homem em sua humanidade retirando-o da arrogância de criador, ou seja, faz com que o homem se reconheça como um ser finito (FERRY, 2012c, p. 86- 89). Não que o homem, segundo Ferry, não possua algo de transcendente, mas essa transcendência está intimamente ligada à sua própria imanência<sup>15</sup>. As aberrações resultantes do Imperialismo mostram aquilo que, em Heidegger, Ferry compreende como uma denúncia formidável para sua época: é necessário ruir com a prepotência do homem que se presume poderoso a ponto de não reconhecer a humanidade de outrem. É necessário abolir todo tipo de preconceito que encerra o homem numa essência pronta e acabada, algo característico do indivíduo contemporâneo embriagado nos constructos tecnológicos. O homem da técnica, por assim dizer, é aquele que quer se colocar

---

<sup>15</sup> Nesse segundo humanismo proposto por Ferry, a transcendência perde seu valor de exterioridade e verticalidade, passando a se caracterizar como uma transcendência na imanência. Vemos que esse conceito nasce da fenomenologia de Husserl. Nas palavras do autor: " diferentemente da transcendência teológica, essa transcendência fenomenológica não remete à ideia de um fundamento último, situado fora do mundo, mas, antes, retomando o vocabulário de Husserl, a ideia de horizontes ou, se preferirem, ao fato de que toda presença nos é dada sobre o fundo de uma ausência, todo visível sobre o fundo de um invisível" (FERRY, 2008b, p. 87).

como superior a todos que lhe são diferentes unicamente porque tem o domínio tecnológico e científico. Entretanto, Ferry não percebe que esse aparato tecnológico já é suficiente para despertar no homem tal sentimento, e a partir disso ele pode dominar homens e nações inteiras. Por mais que se queira caracterizar esse domínio como uma ilusão em relação à supremacia do homem, o que se tem é, antes, uma verdade. Mas, para Ferry, é quando Heidegger faz uma crítica a esse homem da técnica que ele se apresenta, sabiamente, como um filósofo da desconstrução, porque relembra, de certa forma, que o agir desumanamente é inautenticidade, permitindo ao homem uma autocrítica (FERRY, 2008b, p. 198-199). Esse chamado à reflexão permite uma revisão da postura intelectual e prática, lançando o homem na responsabilidade de seus atos e exigindo dele atitudes autênticas que permitam seu crescimento humano. À vista disso, o homem se vê como dotado de ser, mas não idêntico ao ser, e assim, jogado em sua humanidade intransponível. Igualmente, é possível trazê-lo mais uma vez a si, permitindo-lhe uma conscientização e uma emancipação coerente.

A crítica de Heidegger permite aos republicanos reconhecerem a incoerência de suas ações quando, por exemplo, defendem um imperialismo que retrata a superioridade da Europa em relação aos demais, em detrimento do ideal de igualdade tão defendido pelos mesmos (FERRY, 2008a, p. 46). Nesse sentido, Heidegger desconstrói a lógica de dominação imperante no pensamento moderno.

Nietzsche e Heidegger, mais uma vez, foram usados por Ferry como fundamento de sua argumentação. Resumir a filosofia desses dois autores a esse processo de desconstrução e não considerar a totalidade da proposta desses autores é no mínimo desleal. Vê-se claramente que o autor limita esses grandes filósofos para beneficiar sua interpretação da modernidade. Há uma justeza de pensamento a favor de Luc Ferry. Basta notar que Nietzsche jamais aceitaria a visão de um segundo humanismo<sup>16</sup> que coloca o amor e a liberdade como absolutos, porque essa seria sua grande crítica. Diante disso, o pensamento de Ferry não resistiria às críticas nietzschianas, porque ao martelar incessantemente os

---

<sup>16</sup> “[...] um humanismo pós-colonial e pós-metafísico, um humanismo de transcendência do outro e do amor, e são novas categorias filosóficas para pensá-lo, categorias que não pertencem mais à metafísica clássica, categorias que supõem que se pense depois do que Nietzsche chamava de ‘crepúsculo dos ídolos’, para além de qualquer ideia de volta às antigas visões de mundo.” (FERRY, 2012a, p. 25).

pressupostos teóricos absolutos, a proposta de Luc Ferry estaria fadada à destruição. Dentre outros aspectos, em Heidegger, Ferry não considerou, por exemplo, os fundamentos ontológicos nem mesmo as formulações e questionamentos acerca da linguagem e da hermenêutica, bem como sua crítica à teologia escolástica que teria esvaziado o conceito de ser tornando-o demasiadamente abstrato. Além disso, Ferry toma posse unicamente da crítica de Heidegger acerca do homem da técnica suprimindo todas as demais contribuições do autor e do método fenomenológico por ele empregado, que exige do homem uma postura reflexiva acerca de seu próprio ser para, em seguida, chegar à verdade e ao sentido mesmo do Ser.

Feitas tais considerações, analisar-se-ão as consequências dessa desconstrução na vida do homem moderno bem como suas contribuições no âmbito ético e filosófico.

## **5 DA CONVICÇÃO À RESPONSABILIDADE: A NECESSIDADE DE SIGNIFICAR A PRÓPRIA VIDA**

A nova forma de compreender o mundo e o homem inaugurados na desconstrução do século XIX provocou uma grande crise da tradição, impossibilitando, inclusive, um retorno às propostas modernas que utilizavam demasiadamente os pressupostos metafísicos, por exemplo, em suas teorias racionalistas (FERRY, 2012a, p. 44). Esse novo olhar lançado sobre o mundo desmitifica o real, provocando grandes mudanças no pensamento. O século das rupturas deve ser visto não com insatisfação ou desconsideração, antes, porém, como um fator positivo de colaboração para a evolução do pensamento e do comportamento humano (FERRY, 2008a, p. 52). Dentre as principais contribuições, segundo Ferry, a liberdade de expressão e a desculpabilização dos sentimentos são fundamentais para a valorização da individualidade.

O sexo, o irracional, o corpo, o inconsciente, a criança que ainda vive no adulto, algumas formas inéditas ou inconfessáveis da afetividade e do amor, o lado feminino do homem, ou o lado viril das mulheres, a pluralidade dos pontos de vista, nossas incoerências e fraquezas íntimas... Em resumo, elementos da vida humana que apenas a desconstrução [...] poderia ao mesmo tempo emancipar e introduzir na arte, na literatura, e também na

política, e, mais simplesmente ainda, na vida cotidiana (FERRY, 2012a, p. 48).

Com a morte de Deus, torna-se possível o aperfeiçoamento da individualidade. Não há repressões, não há instituições que castram a exteriorização daquilo que é mais íntimo na pessoa. Não existe o medo de se ver julgado pela comunidade por agir de tal ou qual forma; amar essa ou aquela pessoa; expressar a intimidade claramente, sem o medo de ser coagido por elementos heterônomos. Falar de sexo é permitido e até mesmo saudável; ser criança ou carregar certa puerilidade não é ignóbil. Vale ressaltar, no entanto, a importância da responsabilidade resultada na consciência, a fim de que o pensamento de Ferry não seja associado a uma liberdade identificada com a libertinagem ou mesmo com uma ausência de compromisso e de ação resultantes de uma possível ética da convicção tão criticada por ele (FERRY, 2012c, p. 142). Nas palavras do autor:

prefiro a ética da responsabilidade em vez da ética da convicção, a filosofia em vez da literatura e a ação política em vez da postura indignada. Na verdade, sempre detestei o mero alardear da indignação, essa intenção pretensamente moral que só se aplica aos outros, nunca a si mesmo, e que em geral serve para garantir a aparência de uma bela consciência moral (FERRY, 2012c, p. 141).

Conquistar a liberdade em tão alto grau, como o autor apresenta, exige, por parte dos homens, uma ação consciente e refletida que garanta a manutenção da moral e do respeito ao outro. A autoconsciência, portanto, apela à responsabilidade quando faz com que o homem reconheça que suas ações não podem denegrir ou mesmo desrespeitar a individualidade do outro. Por isso, o homem não se esquece de que sua responsabilidade ultrapassa os limites de seu ego, sendo, não obstante, responsabilidade em relação ao outro, o que caracteriza a moral como algo transcendente e não como resultado do relativismo subjetivista (FERRY, 2012a, p. 214). Segundo Ferry, num processo oposto, os discursos dos defensores da ética da convicção, muitas vezes ferem o outro por querer fazer valer somente aquilo que é bom para si, não se importando com os demais, fortalecendo os comunitarismos e intolerância (FERRY, 2013, p. 139).

As conquistas obtidas com a desconstrução da metafísica ultrapassam as condições pessoais e influenciam diretamente a vida pública, a forma de se fazer política, a educação e a relação com os outros (FERRY, 2008a, p. 64). Não se pode

prender à suavidade dessas conquistas, que liberta o eu de todas as privações, mas tem-se de enxergar as exigências que elas trazem em seu bojo: responsabilidade, discernimento moral, respeito ao diferente, aceitação do outro, ação consciente, etc. É o momento de um crescimento do homem, pois findado com a sociedade tradicional e seu pensamento metafísico, a liberdade conquistada exige um amadurecimento.

Para além da moral, o significado da própria existência ganha novos contornos. A secularização e a desconstrução também trouxeram um esquecimento do sentido da vida. A tradição subtraiu de muitos homens o anseio de um sentido de viver, porque tinha as respostas prontas para a totalidade da vida individual e coletiva. Muitos não pensavam mais por si mesmos, não traçavam seus planos, não faziam suas escolhas e não tinham coragem de buscar um aperfeiçoamento intelectual. Projetar a própria vida, todavia, exige um mínimo de discernimento intelectual e da mesma forma um mínimo de incômodo com a situação vivida. Quando as instituições se responsabilizavam em fazer isso para o homem, muitos deles se deixavam levar pelas escolhas e diretrizes das mesmas. Num momento em que a formação intelectual é privilégio de poucos, a grande maioria não via outro meio senão o de se deixar dominar. Contudo, alguns poucos, intelectuais e pensadores, decidiram por tomar as rédeas da própria vida, realizar seus projetos e, não contentes com isso, mostrar e ensinar ao mundo que valeria a pena apostar na liberdade.

Talvez o medo da grande maioria dos homens desse século tenha sido o de se deparar com uma total perda de sentido (FERRY, 2012c, p. 243). Afinal de contas, não havendo mais regras ditadas pelas religiões ou mesmo pelo Estado, alguns inevitáveis questionamentos são formulados: O que substitui essas instituições e suas regras? E ainda mais incômodo: Quais os novos fundamentos dessa nova proposta ética e moral para que seja possível aos homens a ela aderirem? Como agir? Num momento em que a liberdade deixa de ser teoria e se torna realidade, o que fazer dela? Assim, o homem simples, aquele de pouca ou nenhuma formação, não sabia ao certo como lidar com esse rompimento, nem mesmo saberia dizer se o resultado dessa distanciação da tradição resultaria numa vida melhor; senão, segundo Ferry, o homem moderno, e depois dele, o homem

pós-moderno resolveu apostar na liberdade e em todas as possibilidades de desenvolvimento e inovação trazida pela mesma (FERRY, 2012c, p. 246).

## 6 A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE E A ESPIRITUALIDADE

A responsabilidade requerida pela liberdade põe o homem, inicialmente temeroso, diante das incertezas das escolhas que poderá fazer. Projetar a vida, organizá-la e geri-la sem nenhuma ou, com a mínima interferência de elementos externos, faz o indivíduo se indagar acerca do sentido que conferirá à sua existência. Paira a incerteza sobre os homens e com ela o medo de que uma crise do dever resulte em imoralidade.

O fim dos enraizamentos das normas morais no universo rigoroso de uma religião revelada ou, até, naquela de um simples civismo leigo significaria, no final do processo, senão o advento do laxismo, pelo menos a liquidação das noções de esforço e de sacrifício em favor de um egoísmo universal. [...] A preocupação com sua própria pessoa, com seu bem-estar e com o de seus próximos, a concorrência desenfreada, a busca do conforto material e psicológico teriam assim substituído, pela erosão do sentimento de dependência radical com relação ao divino ou à Nação, a antiga exigência do dom de si (FERRY, 2012b, p. 94).

Diante dessa preocupação, a ética laica se esforçará a dar a esse homem, aparentemente confuso, a possibilidade do reencontro de um sentido de viver, mesmo diante das incertezas. Talvez a resposta religiosa oferecesse mais segurança ao homem que busca viver corretamente na terra almejando receber numa outra vida a recompensa celeste. Contudo, o sentido agora deve se fundamentar numa nova dimensão: os pequenos projetos concebidos pelo homem em sua cotidianidade conduzirão suas buscas, autenticarão as escolhas e significarão sua vida. Não obstante, o sentido último lhe escapa e na concretização de seus projetos o homem se perde no insaciável e incontrolável poder de competição<sup>17</sup> gerado pelo capitalismo e sua globalização da técnica, buscando encontrar no consumismo o preenchimento daquilo lhe falta (FERRY, 2015, p. 30).

<sup>17</sup> Essa competição cega é um dos principais motivos da falta de sentido na vida do homem capitalista. Competição comercial, industrial e entre indivíduos que cada dia mais acreditam que o ter é mais importante. “Esse é simplesmente o resultado inevitável e mecânico de uma competição tornada ainda menos controlável, já que disseminada por todo o planeta. Nesse ponto, contrariamente ao ideal herdado das Luzes, a globalização técnica é simplesmente um processo sem finalidade, despido de qualquer espécie de objetivo definido: ninguém mais sabe aonde pode nos

Mesmo diante dessas mudanças significativas, o elemento religioso permanece provocando o homem (FERRY, 2012b, p. 105). Por mais que a desconstrução tenha trazido consigo uma secularização que quer findar com as respostas e a influência do religioso no homem, as provocações que a dimensão religiosa faz não é satisfeita. Prova disso é que da infância à vida adulta não se deixa de questionar acerca não somente do sentido da vida, mas também do princípio e do fim de todas as coisas (FERRY, 2012a, p. 232). Mesmo em tempos de defesa do laicismo e do secularismo, esses questionamentos acerca da existência não cessam, e as respostas da Biologia, bem como as da Física ou qualquer outra ciência natural, parecem não satisfazer aqueles que se debruçam nas ciências do espírito. À medida que o homem cresce, diz Ferry, deixa escondido no mais profundo de si mesmo os questionamentos acerca do sentido de viver. Basta se deparar com a morte ou com uma doença para que o homem tenha manifesta tais indagações e se desespere em buscar um sentido para sua vida (FERRY, 2012b, p. 11-12). A provocação religiosa, como se vê, permanece forte mesmo quando a sociedade laica deseja, de todas as formas, excluí-la da alma humana.

Para Ferry, faz sentido a tese de que a religião é questão da vida privada (FERRY, 2008a, p. 111). Além de tais indagações estarem muitas vezes guardadas na intimidade de cada ser humano, a própria questão da crença se torna particular. Como resultado dessa influência da laicidade na vida do homem as próprias questões existenciais, assim como as morais, se tornam desconcertantes porque não encontram mais a possibilidade de respostas numa transcendência, ou, em Deus (FERRY, 2012a, p. 234). Levada às últimas consequências, a tentativa dos ideais laicos é extirpar toda e qualquer forma de religiosidade, o que de fato não acontecerá. O próprio Luc Ferry fará a defesa de uma espiritualidade laica, em muito cristã; bem como outros filósofos contemporâneos, como André Comte-Sponville em **O Espírito do Ateísmo**, (2007) e Robert Solomon em **Espiritualidade para cétricos** (2003) que defendem a permanência do espiritual.

Concomitantemente a essas novas visões de mundo e dividindo opiniões sobre os direcionamentos morais tem-se também a ética da autenticidade, ou seja, diante da autonomia, buscando o respeito às individualidades e erradicando os

---

levar esse percurso do mundo, mecanicamente engendrado pela competição e não dirigido pela vontade consciente dos homens[...]" (FERRY, 2008a, p. 54)



dogmatismos, o homem pós-moderno fará surgir novos ideais que fundamentarão os valores contemporâneos (FERRY, 2012a, p. 186). Essa ética sustentava o direito à diferença e à abolição das distinções de classes, e, assim, ser autêntico é poder se desvencilhar das noções e ações normativas opressoras, e mesmo denunciar as hierarquias. Essa postura ética reivindicava também o fim da meritocracia que impunha uma regra geral transcendente aos indivíduos que deveria ser alcançada, com o objetivo de conquistar algo distante da realidade. O mérito apontava para o indivíduo, ideal muitas vezes inatingível (FERRY, 2012a, p. 192).

Doravante, o indivíduo se torna ele mesmo para ele mesmo sua própria norma: “a única transcendência a subsistir é aquela de si para si. Ou seja, uma transcendência inteiramente circunscrita na esfera da imanência e do ego individual” (FERRY, 2012b, p.98). Por esse motivo, a ética da autenticidade finda completamente com aquilo que fora conservado das antigas morais leigas. O homem pelo homem seguindo e fazendo aquilo que convém a seu próprio eu e acreditando ser seu ponto de vista, suas ações e juízos os mais perfeitos e corretos. Nessa lógica, segundo o autor, a desconstrução foi mais libertadora que o humanismo das Luzes porque ela permitiu alforriar dimensões esquecidas pelo humanismo, como, por exemplo, a espiritualidade e as dimensões psíquicas e pessoais (FERRY, 2012b, p. 98). Em vista disso, a ética da autenticidade mostrava ao indivíduo a importância de sua escolha e de seus projetos na conquista da liberdade e do aperfeiçoamento constante a que o homem deve se submeter.

Não se pode ver nisso o eclipsar de uma moralidade ou de uma ação do religioso no espírito do homem. A desconstrução dá a falsa aparência de uma eliminação total da possibilidade religiosa quando apregoa a morte de Deus; na verdade, o que se tem visto, e Luc Ferry o defende, é uma nova manifestação do sagrado sob os auspícios da liberdade e da responsabilidade.

## 7 CONCLUSÃO

Como visto, a ética da responsabilidade mais que resultar em ações verdadeiramente conscientes, abre caminho para o desenvolvimento da própria espiritualidade humana. Na medida em que convida o homem a voltar-se para dentro de si, reconhecer seus limites e também suas possibilidades, a ética da

responsabilidade garante um sentido para a vida do sujeito, uma vez que, ciente de que somente ele pode escolher a si mesmo e elaborar para si seus projetos de vida, o homem toma consciência de que será aquilo que ele mesmo projeta para si. Não há determinismo, não há um destino traçado para o homem por qualquer transcendência absoluta: resta unicamente o homem diante de si mesmo. Nesse sentido, nenhum pressuposto metafísico, como o Deus do cristianismo ou a democracia, o socialismo, e etc., podem dar respostas plausíveis para o sujeito.

Assim, resta unicamente a espiritualidade como base para o discernimento moral do homem, porque a espiritualidade nos abre os olhos para o fato de que ao aniquilar-se as verdades supremas, restam ainda valores e relações a serem respeitados: a espiritualidade, direciona o homem para o amor, para as ações altruístas, para o reconhecimento e valorização das diferenças, para o respeito. E é na medida em que se cresce o amor é que se vê crescer também a responsabilidade para com o outro.

### **ETHICS OF RESPONSIBILITY: WHAT REMAINS AFTER THE SECULARIZATION OF METAPHYSICS**

#### **ABSTRACT**

The following article analyzes, as proposed by Luc Ferry, the events which mark the process of metaphysical secularization and therefore to overcome the religious responses and the consequent affirmation of human freedom as the prerequisite for the conception and the rise of an ethical responsibility. In this way there is an enhancement of consciousness that allows the subject to look at yourself and be recognized as the only responsible for their choices and projects. Moreover, freedom guarantees not only the emancipation of the subject and the affirmation of the responsibility he has for himself, but alert him to the fact that it should also be responsible for the other. Thus, the ethics of responsibility coming up in spirituality in it requires man's encounter with the other through respect, diversities recognition, solidarity, the selfless actions and love. In this logic, Luc Ferry draws attention to the fact that the secularization of ethics doesn't result in indifference to the other. It is a bibliographical, interpretative and deductive research.

Keywords: Responsibility. Spirituality. Ethic. Consciousness.

#### **REFERÊNCIAS**

CAMARGO, Gustavo Arantes. Sobre o conceito de verdade em Nietzsche. **Revista Trágica**: estudos sobre Nietzsche – 2º semestre de 2008 – Vol.1 – nº2 – pp.93-112

Disponível em: <http://tragica.org/artigos/02/07-gustavo-camargo.pdf> Acesso em: 01 ago. 2016.

COMTE-SPONVILLE, André. **O espírito do ateísmo**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERRY, Luc. **A inovação destruidora**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

\_\_\_\_\_. **A revolução do amor – Por uma espiritualidade laica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Diante da Crise – Materiais para uma política de civilização – Relatório ao Primeiro Ministro**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

\_\_\_\_\_. **Do amor – Uma filosofia para o século XXI**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

\_\_\_\_\_. **Famílias, amo vocês, política e vida privada na época da globalização**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008a.

\_\_\_\_\_. **O anticonformista – Uma autobiografia intelectual; (Entrevistas com Alexandra Laignel- Lavastine)**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012c.

\_\_\_\_\_. **O homem-Deus, ou, O sentido da vida**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012b.

\_\_\_\_\_. **O que é uma vida bem sucedida?** Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vencer os medos – A filosofia como amor à sabedoria**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

\_\_\_\_\_; COMTE- SPONVILLE, André. **A sabedoria dos modernos – Dez questões para o nosso tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_; GAUCHET, Marcel. **Depois da Religião**. O que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei? Rio de Janeiro: DIFEL, 2008c.

\_\_\_\_\_; VINCENT, Jean-Didier. **O que é o ser humano?** Sobre os princípios fundamentais da filosofia e da biologia. Petrópolis: Vozes, 2011.

NIETZSCHE. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para céticos**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.